

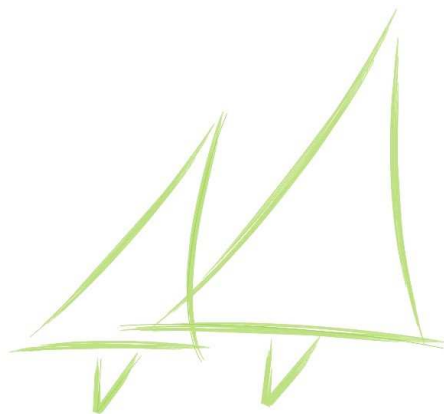
V ENCONTRO DE PESQUISADORES LATINO-AMERICANOS DE COOPERATIVISMO

V ENCUESTRO DE INVESTIGADORES LATINOAMERICANOS DE COOPERATIVISMO

MOVIMENTO COOPERATIVO, TRANSNACIONALIZAÇÃO
E IDENTIDADE COOPERATIVA NA AMÉRICA LATINA

MOVIMIENTO COOPERATIVO, TRANSNACIONALIZACIÓN E IDENTIDAD COOPERATIVA EN AMÉRICA LATINA

COMITÊ DE PESQUISA DA ALIANÇA COOPERATIVA INTERNACIONAL



138 - REDES DE COOPERAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O PROGRAMA DE REAPROVEITAMENTO DO ÓLEO VEGETAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – PROVE

Eficácia e eficiência da empresa, inovação e experiências na
integração cooperativa

Fernando Gonzalez Cruz de Mamari
fernando@itcp.coppe.ufrj.br

Filipe da Cunha Mosqueira
filipemosqueira@itcp.coppe.ufrj.br

Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares ITCP/COPPE/UFRJ

Resumo

No início do ano de 2007 começou a ser estruturado no Estado do Rio de Janeiro o **Programa de Reaproveitamento do Óleo Vegetal - PROVE**. O programa consiste na coleta do óleo residual, “o óleo de cozinha”, por meio de cooperativas populares e na venda deste óleo para a produção de Biodiesel. Sendo pioneiro em todo o Brasil, o programa é baseado em três eixos: o social por meio da inclusão de catadores na cadeia produtiva do Biodiesel, o ambiental com a retirada do óleo, e o energético devido à produção do Biodiesel.

Para a viabilidade do programa foi estruturada uma rede de cooperativas capaz de coletar este o óleo residual na Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

O presente artigo avalia os avanços e as dificuldades na construção de redes de cooperação, assim como os avanços efetivamente alcançados com o PROVE.

O artigo está baseado no acompanhamento realizado pela ITCP/COPPE/UFRJ na formação da rede, nos relatórios elaborados, em visitas as cooperativas e por meio de uma revisão bibliográfica sobre redes de cooperação.

Palavras-chave: Cooperativismo, Redes de Cooperação, Óleo Vegetal Residual.

Abstract

At the beginning of the year 2007 began to be structured in the State of Rio de Janeiro **Vegetable Oil Reuse Program - PROVE**. The program is the collect of waste oil, "the oil used in cooking" by means of popular cooperatives and sale for Biodiesel production. As a pioneer in all Brazil, the program is based on three axes: the social, through the inclusion of "caughters", in the productive Biodiesel chain, the environmental, with the removing of oil and energetic, trough the production of Biodiesel.

For the viability of the program there is a structured network of cooperatives able to collect this residual oil in the metropolitan region of Rio.

This article evaluates the progress and difficulties in building networks of cooperation and the progress achieved effectively with the PROVE.

The article is based on monitoring done by the ITCP / COPPE / UFRJ in the formation of the network, in reports on visits and the cooperatives through a literature review on networks of cooperation.

Key-words: Cooperativism, networks of cooperation, Residual Oil Plant.

Diferentes olhares sobre as redes

Com o desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação e informação tem se tornado cada vez mais freqüente a utilização do termo *Rede* para exemplificar a atuação e organização de diferentes estruturas sociais. Contudo este conceito não é exatamente novo e nem sempre se encontra um consenso em seu emprego, chegando inclusive a totais contradições.

Dentro da ciência geográfica o conceito de rede é apresentando em 1933, por Walter Christaller¹, por meio da introdução da teoria das "Localidades Centrais". Tal teoria pressupõe a existência de uma rede hierarquizada de localidades centrais pela qual "os desprovidos da posse dos meios de produção, e sem produzir seus meios de subsistência, tem seus salários drenados, via comércio varejista e rede bancária, para os grandes centros de decisão econômica, possibilitando a acumulação capitalista."²

A *Teoria das Localidades Centrais* foi fundamental para a compreensão das redes urbanas, onde um conjunto de cidades articuladas entre si exercem influência direta em suas *hinterlandias*, concentrando fluxos populacionais, de capital, de serviços e informações. Muito embora após a segunda guerra mundial, com a complexidade crescente do capitalismo, as cidades possam ter assumido papéis singulares e/ou complementares, tais como cidades turísticas, elas em maior ou menor grau continuam submetidas a uma rede hierarquizada visando a concentração em localidades centrais submetidas à divisão internacional do trabalho.

¹ CHISTALLER, W. Central places in Southern Germany. Englewood Cliffs, Prentice-Hall Inc., 1966, 230p. (traduzido do alemão por C.W. Baskin)

² CORRÊIA, R. L. Trajetórias Geográficas. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 2001, 20p.

Atualmente tem se atribuído à idéia de rede, toda espécie de articulação entre pontos situados em locais diferenciados sem contado direto.

“Esta é uma concepção formalista de rede, isto é, baseada apenas na sua forma aparente, mas que desconsidera como componente importante à dinâmica de relacionamento horizontal que a rede proporciona. Se nos ativéssemos apenas o aspecto da ligação entre elementos distantes poderíamos, no limite, afirmar que qualquer grupo opera como rede. Uma burocracia, por exemplo, é uma estrutura que conta com elementos, próximos ou distantes, interligados. Nessa concepção, poderia ser considerada rede, Mas não o é.”

(WWF; 2004)

As grandes corporações também, principalmente a partir da década de 80, passaram a rogar para si o título de atuantes em rede. Entretanto a organização matricial, aquela que pressupõe a existência de uma matriz e filiais, por mais autônomas e nômades que sejam suas partes, exige uma concentração de poder decisório e de capital no escritório central ou sede da corporação. Mesmo que seu capital seja aberto e adquirível por todo o globo, o que ainda esta em roga é a concentração de fluxos.

“Há aqui um problema: quando tudo indiscriminadamente torna-se rede, essa vigorosa idéia-força perde seu brilho e poder explicativo e, o que é pior, deixa de ostentar algumas de suas características mais preciosas: seu poder criador de ordens novas e seu caráter libertador. Quando tudo é rede, estruturas velhas e novas, modos convencionais e modos inovadores de fazer, estratégias de opressão e estratégias de libertação confundem-se sob uma pretensa mesma aparência. Se não puder estabelecer algumas distinções, o conceito de rede deixa de ter sentido e passa a não servir para nada.”

(WWF; 2004)

O presente artigo tem por objetivo apresentar a experiência de formação de uma rede de cooperativas, não hierarquizada, tendo como prisma a distribuição de fluxos de capital e informações e concentração do poder decisório no coletivo dos participantes da mesma. A **Rede de Cooperativas Coletoras de Óleo Vegetal** vem atingindo uma dimensão territorial significativa, sendo uma alternativa inovadora de geração trabalho e renda para centenas de associados. Agora estudaremos seu desenvolvimento.

Verticalidades versus Horizontalidades: desenvolvimento local associado à articulação produtiva.

Segundo o autor Milton Santos³, a produção dos espaços, ocorre de maneira geral, mediante o desenvolvimento de verticalidades ou horizontalidades. As verticalidades podem ser entendidas como, quando um agente externo insere-se em um determinado território reorganizando sua vida social e produtiva. No conceito de verticalidade esta chega, se passa por meio de uma imposição, sendo algo independente da vontade dos moradores da localidade em questão. O surgimento de grandes empresas em um determinado ambiente, ou a construção de grandes obras públicas como estradas ou aeroportos, são exemplos de verticalidades capazes de transformar estruturas e organizações sociais pré-existentes. As verticalidades estão, comumente, associadas a inovações tecnológicas, que em um primeiro momento aparentam trazer desenvolvimento

³ A Natureza do Espaço: razão e emoção tempo e técnica. EDUSP.4ed. 2001

e riqueza para região, mas que acabam via de regra, gerando um aumento da divisão social, da concentração da renda, da perda de costumes tradicionais, produtivos e culturais, mais adequados e adaptados à localidade e a impactos ambientais, muitas vezes, irreversíveis. As verticalidades geram riquezas na mesma medida que geram pobreza.

Em oposição a este modelo de desenvolvimento estão as horizontalidades, quando um conjunto da sociedade local, através da própria organização, se insere no mercado, reproduzindo sua espacialidade. Esta produção, no entanto, é calcada em valores pré-existentes e valoriza a identidade cultural local. Em grande medida a produção de horizontalidades se assemelha ao conceito de Manuel Castells⁴ sobre *identidades de projeto*:

“Identidades de Projeto: quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, buscam a transformação de toda a estrutura social.”
(Castells; 2002)

A Rede de Cooperativas Coletoras do Óleo Vegetal surge a partir da elaboração do Programa de Reciclagem do Óleo Vegetal – PROVE, uma articulação entre a Secretaria de Ambiente do Governo do Estado do Rio de Janeiro, a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares ITCP/COPPE da Universidade Federal do Rio de Janeiro, setor da sociedade privada, como a Refinaria de Manquinhos, que outrora produzia combustível a partir do petróleo e empresas produtoras de óleo de cozinha residual e setores populares da sociedade, as cooperativas de reciclagem.

Mesmo a criação do programa estando vinculada à articulação de diferentes atores, o entendemos como a produção de uma horizontalidade, pelo fato de seu desenvolvimento e implementação terem ocorrido sobre gestão das cooperativas populares, as principais protagonistas do programa. Entendemos a rede como uma identidade de projeto, pois os grupos populares, se valendo de sua identidade matriz identitária, a reciclagem, assumiram um novo insumo, o óleo residual de cozinha, em sua cadeia produtiva promoveram uma articulação entre diversas cooperativas nunca vista antes no Estado do Rio de Janeiro e estão gradativamente refuncionalizando seu papel e poder de influência nas esferas públicas e privadas da sociedade carioca.

O Programa de Reaproveitamento do Óleo Vegetal - Prove

No início do ano de 2007 começou a ser estruturado no Estado do Rio de Janeiro o **Programa de Reaproveitamento do Óleo Vegetal - PROVE**. O programa consiste na coleta do óleo residual, “o óleo de cozinha”, por meio de cooperativas populares e na venda deste óleo para a Refinaria de Manguinhos, onde ele é transformado em Biodiesel. Sendo pioneiro em todo o Brasil, o programa é baseado em três eixos: o social por meio da inclusão de catadores na cadeia produtiva do Biodiesel, o ambiental com a retirada do óleo vegetal do ambiente, e o energético devido à produção do Biodiesel. Sendo uma iniciativa do Governo do Estado por intermédio da Secretaria Estadual do Ambiente (SEA)

⁴ O Poder da Identidade. Paz e Terra. 3ed. 2002, 24p.

o PROVE tem por objetivo, aliar a geração de trabalho e renda à proteção do meio ambiente.

Para o êxito do eixo social, foi formada, com o apoio da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares ITCP/ COPPE/ UFRJ, a **Rede de Cooperativas Coletoras de Óleo**, que, na fase inicial do programa, articula cooperativas situadas na região metropolitana do Rio de Janeiro. Esta Rede é a responsável pela gestão interna do programa através de seu Conselho Gestor, formado por um representante de cada cooperativa.

A formação do programa ocorreu a partir de reuniões na Secretaria do Ambiente do Governo do Estado, que contaram com a presença de representantes da esfera pública, na figura do próprio secretário, da Universidade, sendo ITCP/COPPE/UFRJ sua representante, de entidades privadas, como representantes de cadeias de Fast-food, e de uma Federação de Cooperativas de Catadores, a Federação de Cooperativas de Materiais Recicláveis - FEBRACOM.

Foi decidido logo nas primeiras reuniões, que as cooperativas seriam as gestoras do programa promovendo a coleta do óleo e sua venda. Para que não houvesse uma disputa pelo óleo, gerando uma competição entre as cooperativas, o que naturalmente faria cair o preço do óleo no mercado, optou-se pela formação de uma rede de cooperativas que faria a coleta e a venda conjuntamente. Assim, com a venda conjunta, cada cooperativa receberia a remuneração proporcional a sua coleta. Como uma vertente fundamental de sustentabilidade do programa é a doação do óleo residual de grandes produtores, foi decidido que a remuneração referente ao óleo doado por estes atores seria distribuído também proporcionalmente ao óleo coletado por cada cooperativa. Tal medida tem por objetivo estimular a coleta do óleo em cada cooperativa, pois quanto mais uma cooperativa coleta individualmente, mais ela tem direito à remuneração vinda da doação do óleo de grandes produtores. Caso esta doação fosse simplesmente repartida, tinha-se a preocupação de gerar uma acomodação nos grupos.

Essas cooperativas se esbarram, porém na questão legal, estando diversas ainda em processo de legalização, ou sem todas as licenças de operação necessárias. Para sanar tal dificuldade, a FEBRACOM passou a ser a pessoa jurídica representante da **Rede**. Contudo a rede tem total autonomia nas decisões relativas a sua gestão chegando a uma coordenação representante própria.

Desde o início do programa a **Rede**, vem se reunindo semanalmente, com o objetivo de tratar das questões pertinentes a administração, logística e o futuro do programa. A média de frequência das reuniões é de 25 pessoas, e algumas decisões importantes já puderam ser votadas, mostrando a maturidade do grupo que está se formando. Paralelamente a ITCP, em conjunto com representantes da rede e da federação, visitam demais cooperativas de reciclagem situadas na região metropolitana do Rio de Janeiro, com o intuito de mobilizar demais cooperativas a participarem da rede.

Para adesão ao programa as cooperativas precisam preencher um cadastro, uma lista de cooperados com informações dos mesmos, uma ATA de reunião interna, aprovando o termo de compromisso da rede, além de uma visita técnica realizada pela ITCP, a fim de diagnosticar a estrutura física e cooperativa do grupo. O termo de

compromisso foi construído pelas cooperativas, no início da formação do Conselho Gestor.

Hoje a infra-estrutura do PROVE é composta por uma sala e um computador cedidos pela ITCP/COPE/UFRJ, um caminhão cedido em comodato pela empresa Orla Rio e 2.100 bombonas de armazenamento do óleo doadas pela empresa Malzer Brasil.

Como mencionado acima, além da Rede de Cooperativas Populares, a coleta de óleo do programa, conta com uma grande contribuição dos doadores, que são representados por empresas, Colégios, Instituições Públicas, Restaurantes, Condomínios, Vilas e até residências. Algumas empresas como o Banco Real, apesar de não ter como resíduo de suas atividades o óleo propriamente dito, funcionam como ecopontos ou pontos de coleta do óleo vegetal residual, tendo bastante representatividade dentro da coleta total.

Para se transformar em doador, é necessário assinar um termo de responsabilidade e compromisso em relação à doação e ligar sempre que a bombona cedida pelo PROVE, estiver cheia. Hoje são 46 doadores sendo 26 ecopontos, representados por 24 agências do Banco Real, uma filial do Grupo Wal-Mart e uma casa de espetáculos. Além dos ecopontos, outros 20 doadores fornecem seu óleo usado para o programa. Destes 20, 4 são restaurantes, 1 clube, 6 batalhões da Polícia Militar, 3 condomínios, 3 vilas, 1 colégio, 1 centro de reabilitação e uma residência.

A procura de doadores interessados em participar do programa é bem alta, e é pensando nisso que o Conselho Gestor está reivindicando e criando junto a Secretaria de Estado do Ambiente, um “*Selo de Responsabilidade Sócio-Ambiental*”, a ser oferecido a empresa doadora do programa.

Para a ampliação do programa foi desenvolvido um conjunto de materiais de divulgação no intuito de atrair novos doadores e articular outras cooperativas no Programa. Entre os materiais elaborados estão, panfletos explicativos, cartazes, banners e um Site. Por meio do Site qualquer pessoa pode se informar sobre onde são os pontos de coleta do óleo, quais são as cooperativas envolvidas, como se tornar um doador, como fazer parte do programa como cooperativa e quem são os atuais parceiros e doadores do PROVE. O Site encontra-se na página:

<http://www.cooperativismopopular.ufrj.br/prove/>

Apesar das dificuldades e gargalos que hoje se fazem presentes na sua gestão, o programa vem obtendo grande sucesso, tanto no que concerne à organização das cooperativas, quanto no que diz respeito à mobilização da participação da sociedade, incentivando um número cada vez maior de pessoas a se tornarem doadores. Inclusive, como reflexo dos trabalhos e da visibilidade na qual se encontra o PROVE, ele foi matéria do programa da Rede Globo de Televisão, o “Globo Repórter” no dia 8 de junho de 2007 (<http://globeporter.globo.com/Globeporter/0,19125,VGC0-2703-17431-2-285470,00.html>).

As vendas

Desde a assinatura do contrato de compra e venda firmado entre a Febracom e a Refinaria de Manguinhos, o PROVE já realizou nove vendas, totalizando

V Encontro de Pesquisadores Latino-americanos de Cooperativismo
V Encuentro de Investigadores Latinoamericanos de Cooperativismo
06-08 Agosto 2008 – Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil

aproximadamente 12.000 litros de óleo, representando um montante no entorno de R\$6.000,00, a ser dividido entre as cooperativas participantes. É importante ressaltar que ao longo do desenvolvimento e fortalecimento da Rede, a frequência de venda tem crescido substancialmente e o preço pago pelo produto já variou de R\$ 0,55 para R\$ 0,90, representando um estímulo para os trabalhadores, assim como uma vitória política e econômica da **Rede**. Para divisão do montante referente às vendas, retira-se 20% para o fundo do programa e calculando o percentual da participação de cada cooperativa na produção total, dividi-se proporcionalmente o total doado e as despesas de coleta.

Pontos de uma rede em uma metrópole fragmentada

A Metrópole do Rio de Janeiro é conhecido como uma região fragmentada⁵. Isso significa dizer que os níveis de segregação sócio-espacial chegaram a um estágio de evolução tão profundo que diferentes territorialidades se sobrepõem, formando um mosaico, ora articulado, ora em disputa.

A ausência de investimento e gestão pública em determinadas áreas da metrópole, acarretaram a formação de territórios controlados por poderes paralelos ao estado, que exercem suas próprias formas de controle e impõem regras de comando. Diferentes grupos de narcotraficantes, assim como milícias organizadas passaram a fazer a gestão destes territórios e a disputá-los por meio da força das armas e da violência. É uma guerra de “*trincheira em trincheira*” onde a maior parte das vítimas são trabalhadores precarizados, sem fonte de renda segura, desempregados, ou, inseridos no mercado de maneira informal, e que ainda se vêem morando no meio do fogo cruzado.

Uma das maiores consequências da disputa pelos territórios é o cerceamento das liberdades desses trabalhadores no que tange seus direitos de ir e vir. Moradores de uma comunidade dominada por um grupo de narcotraficantes, estão submetidos a reais riscos de vida ao entrarem em outra comunidade dominado por outro grupo de narcotraficantes ou milícias. Neste barril de pólvora, acrescenta-se um força policial extremamente violenta, aparada por antigas tradições da ditadura militar, que comumente, em suas ingressões as favelas atiram indiscriminadamente acertando bandidos e inocentes, adultos e crianças, homens e mulheres. Esta e a base territorial, o contexto, o palco no qual foi formada a **Rede de Cooperativas Coletoras de Óleo**.

As cooperativas que compõe a **Rede** são exclusivamente cooperativas populares, por se tratar de grupos socialmente vulneráveis e na maioria das vezes moradores de Áreas de Risco. São cooperativas de catadores de Materiais Recicláveis, que vêm na cadeia produtiva do biodiesel, uma oportunidade para se inserirem no mercado formal de trabalho, aumentando assim a sua renda familiar.

A logística de coleta é organizada a partir de reuniões na ITCP/COPPE/UFRJ, sede do programa, onde organiza-se a rota segundo demanda apresentada, reduzindo os custos de operação. Com a elaboração da rota, o dia de coleta é agendado e cooperados escolhidos durante a reunião são responsáveis para com o caminhão cedido ao programa ou com um carro alugado (dependendo da quantidade armazenada) coletar o óleo nos pontos de coleta e nas cooperativas.

⁵ Souza, M. L. Desafio Metropolitano. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

Com a coleta do óleo na metrópole, a rede se materializa e assume concretude. Pontos são interligados, sendo nítida a formação de uma teia no mapa. Na rota, os responsáveis pela coleta atravessam diferentes territórios, sobre domínio de diferentes atores em uma disputa de vida e morte. A fragmentação é vencida pelo trabalho cooperativo, e uma alternativa de desenvolvimento é apresentada para além da repressão policial.

Ao logo da história da Rede, ocorreu um episódio marcante de exposição de cooperados a violência, o que quase acarretou no desligamento de uma cooperativa da rede. Contudo por decisão de seus sócios, a cooperativa optou pela permanência no programa acreditando tanto em seu potencial para geração de renda como em seu viés transformado da sociedade.

Para além das dificuldades geradas pela falta de recursos a Rede de Cooperativas enfrenta outras violências ainda mais diretas, que gradativamente vem superando, basendo suas ações na autogestão e na cooperação.

A autogestão de uma Rede

O Programa de Reaproveitamento do Óleo Vegetal foi fomentado pela Secretaria do Ambiente do Governo do Estado do Rio de Janeiro com o objetivo de inserir as cooperativas de reciclagem na cadeia produtiva do Biodiesel. Estas coletando o óleo vegetal residual e vendendo para uma refinaria, fornecem a matéria prima para a produção do combustível.

Contudo com a ampliação da capacidade de coleta das cooperativas outras ofertas de mercado surgiram, assim como, as cooperativas tomaram maior conhecimento sobre a matéria prima com que passaram a atuar.

O óleo vegetal residual é insumo também para a produção de sabão, que hoje, no mercado brasileiro apresenta um melhor preço para sua venda. As cooperativas então em assembléia geral optaram pela ampliação de seu mercado tendo a indústria do sabão também como alternativa. Tal medida gerou um significativo aumento na renda das cooperativas, assim com, trouxe facilidades logísticas na coleta. O contrato assinado com a Refinaria de Maginhos prevê tal possibilidade e a Secretaria do Ambiente entende a atitude como uma alternativa interessante e criativa.

O assunto permeou diversas reuniões e a decisão foi tomada coletivamente e com base na autogestão. Esse amadurecimento foi conquistado por meio de um processo de construção horizontal, calcado na divulgação das informações, na descentralização do poder decisório e na capacitação constante dos novos grupos que se inserem no Programa. A gestão da rede vem se consolidando em oposição a uma estrutura hierárquica, “onde as informações sobem da base para a cúpula e não retornam nem circulam” (Castoriadis 1949). A concentração da informação é poder de controle, a divulgação da mesma é poder de libertação. Este é o entendimento que vem sendo mostrado na prática pela Rede.

Em seus primeiros meses a Rede chegou a contar com 22 cooperativas, dispersas pela metrópole. Atualmente o coletivo conta com 15 grupos, o que pode, no primeiro momento, significar uma decadência da mesma. Contudo se analisamos mais profundamente o histórico da experiência entendemos que ocorreram grupos que

simplesmente se desinteressaram pelo programa, como também caso de cooperativas que foram desligadas em assembléia pelas demais cooperativas. Tal atitude foi tomada pela percepção do coletivo de que alguns grupos não estavam cumprindo com as determinações acordadas no termo de compromisso construído e assinado por todas as cooperativas.

“Uma coletividade autogerida não é uma coletividade sem disciplina, mas uma coletividade que decide, ela mesma, sobre a sua disciplina e se for o caso, sobre as sanções contra aqueles que a quebram deliberadamente”

(Castoriadis 1949. p.216)

A forma de trabalho de uma cooperativa é a autogestão. A forma de trabalho de uma rede de cooperativas é também a autogestão. A formação de uma rede de cooperativa implica basicamente o mesmo que a formação de uma cooperativa; indivíduo portadores de características ou identidades comuns compreendendo que através da *ajuda mutua*, da cooperação, podem superar problemas também comuns. Para sua formação é ainda necessário que todos estejam dispostos a exercer poder, a comandar coletivamente.

A Rede também já viveu a experiência de uma eleição para a formação da coordenação do Conselho Gestor. A medida foi tomada devido ao aumento do número de tarefas administrativas necessárias à gestão da mesma. Assim, foi eleito um diretor presidente, um financeiro, um administrativo e seus suplentes. A existência desta coordenação, até o presente momento, vem contribuindo para a gestão administrativa do coletivo, limitando seu papel a representante e executor das deliberações tomadas nas assembléias.

“Certamente, a designação de representantes, ou de organismos – comitês ou Conselhos – formados por tais delegados será, numa quantidade enorme de casos, indispensável. Mas ela só é compatível com a autogestão se esses delegados realmente representarem a coletividade de onde procedem, e isto implica que permaneçam submetidos a seu poder.”

(Castoriadis; 1949, 213p.)

A Rede de Cooperativas Coletoras de Óleo Vegetal é uma escola para o aprendizado da autogestão. Para além da geração de renda o espaço de articulação da Rede vem tornando-se lócus para construção de cidadania e articulação de uma categoria na luta por justiça social. São diversos os eventos em que a rede, enquanto coletivo, esteve presente e freqüentes são os momentos de debate com o Secretário do Estado, sobre a situação dos resíduos na Metrópole do Rio de Janeiro.

Apesar de muitas dificuldades ainda enfrentadas, o grupo de cooperativa planeja novos passos. A venda conjunta dos demais materiais recicláveis esta sendo planejada, assim como um sistema informatizado, capaz de agilizar as coletas e reduzir os custos de operação esta sendo bolado. O conjunto das cooperativas vem gradativamente tornando-se um novo ator político no cenário carioca.

Bibliografia

CASTELLS, M. O Poder da Identidade. São Paulo. Paz e Terra. 3ed. 2002

**V Encontro de Pesquisadores Latino-americanos de Cooperativismo
V Encuentro de Investigadores Latinoamericanos de Cooperativismo
06-08 Agosto 2008 – Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil**

CASTORIADIS. C. Socialismo ou Barbare. **Edt. Du Seuil. France. 1949**

CHISTALLER, W. Central places in Southern Germany. Englewood Cliffs, Prentice-Hall Inc., 1966 (traduzido do alemão por C.W. Baskin)

CORRÊIA, R. L. Trajetórias Geograficas. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 2001

SANTOS. M. A Natureza do Espaço. São Paulo. EDUSP. 4 ed. 2001

SOUZA. M. L. Desafio Metropolitano. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

WWF-Brasil. Redes: uma introdução às dinâmicas da conectividade e da auto-organização. Brasília. 2004